



Causas e consequências da “crise” dos refugiados



DB-Luis Carregã

Conferência “Destino: Europa” foi organizado pelos núcleos de Antropologia e Relações Internacionais da AAC

●●● Primeira nota digna de registo: o número de jovens que, ontem, dedicaram parte da tarde a tentar perceber a complexa problemática dos refugiados. Numa conferência também ela organizada por jovens – núcleos de estudantes de Antropologia e Relações Internacionais da AAC –, marcou pela positiva um auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra praticamente cheio, para ouvir especialistas sobre as mais importantes questões – a montante e a jusante – da “crise” de refugiados para a qual a Europa despetou no último ano.

A vários níveis emblemática, foi a intervenção de Munir, um jovem estudante sírio a cursar o mestrado de Arquitetura na Universidade de Coimbra, ao abrigo do programa apadrinhado por Jorge Sampaio, que abriu, ontem, a conferência “Destino: Europa”.

Mesmo sem “viver” o estatuto de refugiado, uma vez que chegou a Portugal ao abrigo de um programa internacional destinado a permitir a jovens estudantes sírios prosseguirem os seus estudos superiores, não é difícil a Munir “imaginar o que é”. Contudo, a sua experiência pessoal não podia ser mais distinta daquela vivida pelo comum dos refugiados: “Portugal é um dos bons exemplos no



Conferência organizada por estudantes mobilizou grande número de jovens

- 1 Investigadores e docentes enquadraram “crise” dos refugiados, apontando questões a montante e a jusante

acolhimento”, disse, garantindo não se sentir “estranho” na cidade, onde vive há um ano e tem feito por “se integrar”, tendo-se juntado até, recentemente, ao Coro Misto da Universidade de Coimbra (!).

Informar e desmistificar

Avançando na “explicação” pretendida com a conferência – “informar, desmistificar, consciencializar. Os refugiados estão a chegar à Europa. Quem são? Do que fogem? Como vão ser recebidos?” –, coube a Pedro Góis, investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) e docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), colocar uma questão-chave: afinal, que erros estamos a cometer nesta questão dos refugiados?

Distinguindo refugiados de migrantes e fazendo perceber que, neste momento, são tomados por refugiados (sírios) todos os que procuram na Europa a paz ou o bem-estar que não têm de onde fogem, o especialista chamou a atenção para um outro “mito” que importa desconstruir: este não é um movimento novo, a novidade aqui é que este movimento é global.

“Olhando para o número de crianças judias salvas na II Guerra, envergonhamo-nos. Não vamos querer envergonhar-nos desta forma no futuro”, rematou.

Daniel Pinéu, também docente da FEUC, deixou, para reflexão, alguns números relativos ao conflito na Síria e que enquadram a “crise” de refugiados: 1200 grupos armados num conflito com quatro anos, a que a Europa começou por “fechar os olhos”, que já deu origem a mais de quatro milhões de refugiados (a esmagadora maioria em países vizinhos e aproximadamente um milhão na Europa) e a sete milhões de deslocados dentro do país. Nos quatro anos de conflito, a contração do PIB atingiu 45% e o desemprego aumentou 500%. O conflito, generalizado a todo o território, já provocou um quarto de milhão de mortos (entre 67 a 150 mil civis).

| Lídia Pereira